

SIMPÓSIO AT174

LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL: UM RESGATE DE IDENTIDADES

EVANGELISTA, Emanuelle da Silva
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
emanuelleevangelista@hotmail.com

COUTINHO, Ilmara Valois Bacelar Figueiredo
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
ilmaravalois@hotmail.com

Resumo: Os estudantes da escola pública brasileira, em geral, têm um acesso pouco amplo à leitura literária, o que suscita o desafio de pensar como inseri-los no universo da literatura, tornando-os leitores críticos, criativos e proficientes. Nessa perspectiva, o presente texto apresenta reflexões iniciais sobre uma pesquisa, ainda em desenvolvimento, que tem o objetivo de fomentar práticas leitoras significativas a partir de textos mais próximos do interesse dos estudantes, levando-os a perceber a leitura, mais especificamente, a literária, como prática sociocultural constitutiva de identidades. Buscou-se trazer para as oficinas literárias autores e obras de contextos periféricos, ainda não amplamente utilizados nas salas de aulas do país, por estarem situados à margem da maioria das seleções canônicas efetivadas no âmbito pedagógico, e que representam possibilidades dialógicas de riqueza ímpar para os jovens leitores contemporâneos. Como aporte teórico, utilizou-se Cândido (1995), Colomer (2007), Fiorindo (2012), Freire (2006), Horellou-Lafarge; Segré (2010), Kleiman (2004), Solé (1998). A metodologia adotada é a pesquisa-ação, pautada em uma proposta de intervenção pedagógica, que tem como sujeitos participantes alunos do 8º ano, do Ensino Fundamental II, em uma escola pública no município de Ipirá. A pesquisa espera contribuir para uma formação leitora contextualizada, crítica e criativa dos estudantes.

Palavras-chave: leitura literária; prática sociocultural; identidade.

Abstract: The students from the Brazilian public school, in general, have little access to literary reading, which raises the challenge of thinking about how to insert them into the universe of literature, making them readers critical, creative and proficient. In this perspective, the present text presents initial reflections on a research, still in development, that has the objective to foment significant reading practices using texts closer to the interest of the students, leading them to perceive the reading, more specifically, the literary, as a sociocultural practice constitutive of identities. We sought to bring to the literary workshops authors and works from peripheral contexts, not yet

widely used in the classrooms of the country, because they are situated on the margins of the majority of canonical selections carried out in the pedagogical field, and represent dialogic possibilities of unique value for the young contemporary readers. As a theoretical contribution, we used Candido (1995), Colomer (2007), Fiorindo (2012), Freire (2006), Horellou-Lafarge; Segré (2010), Kleiman (2004), Solé (1998). The methodology used is the action research, based on a proposal of pedagogical intervention, which has as subjects participants 8th grade students, Elementary School II, in a public school in the municipality of Ipirá. The research hopes to contribute to a contextualized, critical and creative reading formation of the students.

Keywords: literary reading; sociocultural practice; identity

Introdução

Ler é uma ação cognitiva, uma vez que o leitor processa informações expostas pelo autor; uma atividade cultural, por promover a convergência de experiências, (des)identificações e valores dos sujeitos envolvidos; é um ato social, que pode provocar alterações no modo de vida das pessoas; é um ato de emoção, prazer e criatividade, que pode impactar o sujeito e suas relações, solicitando empatias várias; mas, primordialmente, ler é um ato político, como nos ensinou Freire (2005), pois, através dele, o autor propaga um discurso que poderá ser assimilado ou refutado pelos leitores. Quanto maior for o poder de criticidade possuído pelo leitor, mais autônoma será a sua leitura, já que não será um alvo suscetível à manipulação, pois ele mesmo será capaz de elaborar a sua própria compreensão do mundo.

A percepção da dimensão política da leitura liberta o leitor, posto que ele consegue discernir que a leitura não servirá apenas para a reprodução da ideologia do autor, mas como ponto de partida para pensar a sociedade da qual faz parte. Ler, antes de ser uma ação subjetiva, é também uma prática sociocultural que possibilita reflexões acerca da sociedade e do acesso aos bens culturais produzidos pela mesma, sendo que o contexto contemporâneo exige essa consciência, na medida em que temos uma textualidade vertiginosa e desenfreada, sem que nenhuma garantia de credibilidade possa ser assegurada.

A escola, enquanto instituição social que possui a função de promover aprendizagens múltiplas, vivencia, cotidianamente, o desafio de propiciar ações significativa para a leitura, tendo, muitas vezes, apresentado resultados nada

satisfatórios em uma sociedade cada vez mais gerida pelo princípio da fugacidade das informações, conhecimentos e relações. O tempo de aprender, de ler, de compreender, diferente do tempo das mídias e interações virtuais, exige uma ação pedagógica diferenciada, nem sempre de fácil concretização. Imerse em uma cotidianidade cada dia mais letrada, espera-se que essa instituição desenvolva práticas leitoras contextualizadas com a realidade social do aprendiz e não pautadas apenas na simples decodificação do código linguístico.

Nesse contexto, a leitura literária precisa ser verdadeiramente estimulada no ambiente escolar, proporcionando aos nossos educandos acesso aos bens culturais que circulam na sociedade, mas que são apresentados, na linguagem literária, por meio de subjetividades necessárias à ampliação do conhecimento sobre a vida. Este acesso não deve limitar-se à realização da leitura de uma obra literária em troca de uma nota. É necessário provocar no estudante o gosto pela leitura, assegurando-lhe o direito de escolha, pois essa prática deve ser prazerosa. A experiência literária deve fazer parte do cotidiano escolar, porque a literatura humaniza o homem (CÂNDIDO, 1995), através dela, descobre-se o mundo, ao vivenciar as experiências do outro.

Sabe-se que estudantes da escola pública brasileira, em geral, têm um acesso pouco amplo à leitura literária, o que suscita o desafio de pensar em como inseri-los no universo da literatura, tornando-os leitores críticos e proficientes. Se o ato de ler não envolve apenas o processo de codificar e decodificar palavras, coloca-se aqui o texto literário como possibilidade de o indivíduo ampliar seu conhecimento de mundo, diversificando o repertório cultural e o desenvolvimento da capacidade interpretativa dos textos, o que não pode se restringir a uma parcela da população, devendo ser condição precípua de inclusão em todas as escolas brasileiras.

Com esse intuito, delineia-se a pesquisa que origina o presente artigo, tendo por objetivo fomentar práticas leitoras significativas a partir de textos, acredita-se, mais próximos do interesse e modo de vida dos estudantes,

levando-os a perceber a leitura, mais especificamente, a literária, como prática sociocultural constitutiva de identidades. Especificamente, busca-se: privilegiar a escrita literária de contextos periféricos, a fim de ampliar o repertório cultural dos estudantes; criar oportunidade para que os estudantes descubram o prazer proporcionado por vivências literárias; e reconhecer a importância da leitura literária, inclusive trazendo contextos locais, para a percepção e expressão das identidades. Como aporte teórico, utilizou-se Cândido (1995), Colomer (2007), Fiorindo (2012), Freire (2006), Horellou-Lafarge; Segré (2010), Kleiman (2004), Solé (1998), dentre outros teóricos que embasaram as discussões propostas.

É mister salientar que a leitura não pode ser ensinada como pura decodificação de um código, mas como um espaço de criação de sentidos protagonizados por um sujeito-leitor, o qual recorre a uma série de elementos além dos linguísticos para atribuir os sentidos ao texto lido. Assim, espera-se que o trabalho em sala de aula com textos literários provenientes de contextos periféricos possam contribuir para uma formação leitora contextualizada, crítica e proficiente dos discentes.

1 Leitura e Ensino

A concepção de leitura adotada nessa pesquisa fundamenta-se na perspectiva interativa, que conforme Souza, Corrêa e Vinhal (2011, p.149), “baseia-se na aprendizagem da leitura por meio do processo de interação entre o leitor, a obra e o contexto, no qual estão inseridos”. Enquanto atividade interativa que envolve texto e leitor, e não se restringe apenas ao processo de codificar e decodificar palavras, a leitura vai além de atribuir sentido ao que está escrito. Trata-se, muitas vezes, de um exercício cognitivo solitário, mas que possibilita uma interação, mesmo à distância, entre o autor e o leitor do texto: “O leitor constrói, e não apenas recebe um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões” (KLEIMAN, 2004, p. 65).

O fato de o leitor construir o significado para o texto não quer dizer que a mensagem, em si mesma, não possua sentido, “o sentido que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas é uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos” (SOLÉ, 1998, p.22). Assim, para que um leitor construa sentidos para um texto, ele se utiliza de conhecimentos que antecedem a leitura, como os conhecimentos de mundo, o conhecimento linguístico e o textual que devem ser ativados durante o contato com o texto. Vale ressaltar que, quanto mais vasta for a exposição do leitor a uma diversidade textual, mais fácil será a sua constituição de sentido.

Mesmo a escola sendo responsável pelo ensino da leitura, trata-se uma atividade que ultrapassa os muros das instituições de ensino, é um ato social integrado à vida de todos, já que “tudo, na vida atual obriga a ler, todo o mundo lê, é colocado diante da necessidade de ler” (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p.14), mesmo aqueles indivíduos que não decifram os códigos linguísticos são imersos no mundo da leitura por outros semelhantes.

A percepção da leitura como prática social e cultural compartilhada por todos possibilita ao cidadão transformações no âmbito político, social, econômico e cultural, pois as pessoas letradas encontram ao seu dispor ferramentas diferenciadas para compreender o mundo de maneira mais crítica, podendo contestar o *status quo* e perceber as relações de poder, mais complexas, existentes na sociedade. Portanto, a escola precisa estimular e oferecer oportunidades de leitura ao indivíduo e, em parceria com a família, deve promover ações que objetivem a formação do leitor proficiente.

Destarte, é preciso criar condições para que isso aconteça. O acesso à escolaridade é o primeiro passo, em seguida, deve-se aprimorar o currículo escolar aproximando as práticas pedagógicas às situações reais de uso social da leitura e da escrita, e, dentre tantas outras que poderiam ser citadas, faz-se necessário destacar que a prática pedagógica desenvolvida pelo professor viabilize a formação de um sujeito que não apenas tenha domínio sobre o

sistema de escrita, mas que possa ler, compreender e produzir textos, intervindo no mundo em que vive.

As atividades de leitura realizadas pela escola precisam ser semelhantes às práticas leitoras existentes fora do ambiente escolar e os gêneros utilizados devem ser os que estão em circulação social. Esse cuidado é essencial, porque a “escola prepara para a vida, e não para a própria escola” (SOLÉ, 1998, p. 142), e, além de preparar para a vida, faz parte dela, de forma que nenhuma das atividades de leitura propostas pela escola deve perder a sua função social.

2 A leitura literária no ambiente escolar

A literatura é “a arte que imita a vida” e que tem como função “conhecer o mundo e os homens, contribuir para a revelação daquilo que o homem, consciente ou não, busca durante a vida” (FIORINDO, 2012, p. 29). Portanto, a leitura de literatura deveria ser um direito essencial à sobrevivência do indivíduo, uma vez que, para viver, o homem precisa criar e imaginar. Entretanto, por esse direito não estar associado à sobrevivência física, considera-se a arte supérflua (CÂNDIDO, 1995).

É por intermédio da literatura que o homem aprende sobre si mesmo e sobre o mundo, esse aprendizado acontece através das vivências contidas em cada narrativa que lhe é apresentada. Ao mesmo tempo que ela é deleite, transporta o leitor para outras realidades, causando prazer aos sentidos e explorando a sensibilidade. Ela também difunde conhecimentos e culturas de diversos grupos sociais. Por meio da literatura, o escritor transmite seus anseios e sentimentos, suscitando à reflexão e convidando o indivíduo a posicionar-se perante a realidade.

A leitura literária, sob adequada orientação, desenvolve a criatividade e contribui para a formação de um cidadão mais crítico, mais empático, mais humano. As obras selecionadas podem ser reconhecidas, mas deve-se incentivar também a descoberta de escritores que não estão inseridos no

panorama editorial tradicional. A exposição dos alunos a novos textos possibilita a percepção de outros olhares, o conhecimento de outras narrativas e a escuta de outras vozes que, muitas vezes, foram silenciadas historicamente, o que coaduna com a escolha das obras constantes da pesquisa ora anunciada.

Para Colomer (2007), a finalidade da educação literária na escola é a formação de um leitor competente, alguém que seja capaz de atribuir sentido às obras lidas, permitindo não apenas o conhecimento do objeto de estudo, mas uma interação lúdica e prazerosa dos estudantes com a literatura. No entanto, a educação literária, realizada em muitas escolas, pauta-se em práticas pedagógicas inadequadas fundamentadas na memorização dos períodos literários, características de obra, biografia de autores, ou na utilização do texto literário para abordar conteúdos gramaticais.

Logo, faz-se necessária uma mudança na abordagem realizada pela escola, a fim de não subutilizar o potencial formativo do texto literário. Faz-se primordial o incentivo de práticas que fomentem o prazer e o conhecimento proporcionado pelo texto literário, a fim de que possam contribuir para a formação de um leitor crítico e não apenas um consumidor passivo de cultura.

3 As oficinas literárias

O projeto de intervenção está composto por onze Oficinas Temáticas de Leitura que serão realizadas em 22 horas aulas, dentro da carga-horária da disciplina Língua Portuguesa, ao longo do segundo semestre letivo do ano de 2019. O método adotado foi a pesquisa-ação, a ser desenvolvida em três momentos. Inicialmente, foi aplicado o questionário socioeconômico e a pesquisa sobre os hábitos de leitura dos estudantes. Realizado o diagnóstico inicial, as oficinas de leitura temáticas foram iniciadas, mediante o uso de vídeos, poemas, contos, roda de conversa, músicas e cartazes, na tentativa de ampliar o repertório leitor e cultural dos estudantes, oportunizando uma formação literária de cunho crítico e emancipador.

As oficinas apresentam a seguinte configuração: etapa 1: aparência x essência (identidade); etapa 2 e 3: eu adolescente (identidade e conflitos enfrentados na adolescência); etapa 4 e 5: letras negras (racismo); etapa 6: semeando paz! (violência); etapa 7: de Princesa à Mulher Maravilha: o lugar social da mulher (empoderamento feminino); etapa 8: aceitando a minha sexualidade e respeitando a sexualidade do outro (gênero); etapa 9 e 10: meu lugar, minha identidade (cultura popular local); etapa 11: ressignificando olhares (avaliando o processo formativo).

Para que a oferta textual não caísse na armadilha de ratificar a postura elitista da escola, ao privilegiar unicamente a leitura de obras e autores canônicos, buscou-se trazer para as oficinas autores e obras pertencentes a contextos periféricos que representam possibilidades dialógicas de riqueza ímpar para os jovens leitores contemporâneos. Assim, fazem parte da seleção realizada os autores Sérgio Vaz, Pitty, Emicida, Márcio Batista Elisandra Souza, Cristiane Sobral, Karol Conka, José Neto e Lázaro Ramos, pertencentes ao contexto nacional, além de propor aos estudantes o contato com algumas obras de escritores da região onde está situada a escola e residem a maioria dos estudantes, cumprindo a tarefa de fazer representar o contexto local. Como as oficinas estão em desenvolvimento, os resultados ainda estão em construção.

Algumas considerações parciais

É inegável que, para acessar as práticas letradas e delas participar, o indivíduo precisa ter o domínio do código linguístico, alfabetizar-se. Mas, a leitura, principalmente a literária, não se resume à aquisição dessa aprendizagem, é necessário apreender os sentidos dos textos, tornar-se um leitor proficiente, o que suscita questionamentos, afinal, a escola tem conseguido formar leitores críticos, conscientes e preparados para ler, produzir e intervir na sociedade contemporânea, dialogando com os textos e atribuindo sentido para o que leem? Ou, através de práticas leitoras inadequadas, a

escola está desestimulando o gosto pela leitura e inibindo a capacidade dos cidadãos atuarem ativamente na sociedade onde vivem? De certo que algumas escolas já possuem vivências literárias adequadas contribuindo para a formação de um leitor proficiente, no entanto, ainda há muitas instituições de ensino brasileiras que precisam ressignificar as suas práticas, por preocuparem-se apenas em alfabetizar o indivíduo.

Referências

CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

FIORINDO, Priscila Peixinho. **Abordagens do texto literário para a formação do leitor crítico**. Revista Língua Portuguesa: conhecimento prático. n. 36, maio 2012: 28-33 ISSN 1984-3682.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 48 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal. SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Ateliê editorial: Cotia: 2010.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6 ed. São Paulo: Artmed, 1998.

SOUZA, S. F.; CORRÊA, H. T.; VINHAL, T. P. A leitura e a escrita na escola: uma experiência com o gênero fábulas. In: SOUZA, R. J.; FEBA, B. L. T. (Org.) **Leitura literária na escola**. Campinas: Mercado de letras, 2011. p. 147-182.